

## 2 ALMA

Elenice Giosa<sup>1</sup>

Por abordar a alma humana, a complexidade em torno da definição do termo **alma** é tamanha que Jung (1992, p.83) escreve um capítulo cujo título é **A alma do homem** sem definir o termo, mas, atribuindo a ele toda a complexidade e profundidade da relação simbólica, de modo que é essa relação que amplia a consciência humana, fazendo-nos entrar em contato com a profundidade do nosso ser. Esse processo dialógico é descrito por Jung como **alma**, melhor dizendo, como **fazer alma**. O termo **alma** deriva da noção de *anima* e *animus*, termos do latim que para Jung correspondem, respectivamente, à disposição psíquica interior do homem e à disposição psíquica interior da mulher:

[...] todo o homem contém Eva, sua esposa, escondida em seu corpo. É este elemento feminino em cada homem (com base na minoria de genes femininos em sua constituição biológica) que chamei de *anima* (JUNG, 2000, p. 193).

Assim, quando nos referimos ao homem falando de *anima*, para sermos coerentes deveríamos falar de *animus* em relação à mulher (JUNG, 2000, p.193).

Sem restringir a alma a qualquer posição de gênero, no âmbito social, Jung (1991) referiu-se à *anima* como a interioridade do homem em oposição às suas atitudes externas – denominadas *persona*, e tudo o que estivesse relacionado à personalidade interior, ao inconsciente, à *anima* (Jung, 1991, p.422):

[...] Assim como a *persona*, a atitude externa é representada em sonhos pela imagem de certas pessoas que possuem as qualidades correspondentes numa forma bem acentuada, também a alma, a atitude interna, é representada pelo inconsciente por certas pessoas que possuem as qualidades correspondentes à alma. Essa imagem chama-se imagem da alma [...] entre os homens, a alma é representada pelo inconsciente como pessoa feminina; nas mulheres como masculina.

Jung também apresenta a *anima* como estando, em nossa cultura e época, mais relacionada a Eros, a sentimento, e *animus* como sendo mais regido pelo

---

<sup>1</sup> **ELENICE GIOSA:** Doutora pelo Instituto de Psicologia e Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Participa de projetos voltados ao ensino de Inglês em universidades e empresas. Foi professora da PUC/SP, ministrando cursos específicos na área de ensino de Inglês pela Educação de Sensibilidade. É membro do GEPI (PUC/SP) e do INTERESPE –Interdisciplinaridade e Espiritualidade na educação.

**CV:** <http://lattes.cnpq.br/6173021984292370>; **E-mail:** [elenicegiosa@gmail.com](mailto:elenicegiosa@gmail.com)

logos da razão. Psiquê (*anima*) é a parceira de Eros, levando-o à interioridade, a um movimento de profundidade, para que ele possa se perceber em cada imagem feminina de Psiquê - que chama Eros para que ele a seduza. Segundo Brandão (2000 p. 356), Eros é o mais belo entre os deuses imortais. Nasce do Caos e de Nix (a noite), sendo, portanto parte da força fundamental do mundo, energia. Por outro lado, sendo filho da bela Afrodite e Hermes, Eros é o Deus do 'Amor Recíproco' e traduz a união dos opostos, sendo o amor a energia fundamental do ser, mas que somente se concretiza no encontro com o outro: *Psique* – que em grego significa **sopro vital**, **a alma do ser vivo**, sede dos desejos, emoções e sentimentos. Utilizando as palavras de Hillman (1990), Psiquê chama Eros para **cultivá-la**. Pelo fato de nunca ter visto Eros, Psiquê chama-o para **conhecê-la**, descobrir seus mistérios e Eros chama-a a amá-lo sem vê-lo. Esse cultivo da alma está muito mais no movimento estabelecido na relação dos dois do que num movimento essencialmente romântico de Psiquê. Aproveitando essa profunda relação entre Eros e Psiquê, o cultivo da alma por meio de Jung (1984, p.358) significa “alma em movimento”, advinda da própria etimologia da palavra *anima*:

O nome latino **animus**, espírito, e **anima**, alma, têm o mesmo significado do grego **anemos**, vento. A outra palavra grega que designa o vento, **pneuma**, significa também, espírito. No gótico, encontramos o mesmo termo sob a forma **de us-anan**, **ausatmen** (expirar), e, no latim, **an-helare**, respirar com dificuldade... A palavra grega **psyche** tem um parentesco muito próximo com esses termos e está ligada a **psycho**, soprar, a **psychos**, fresco, a **psychros**, frio e a **physa**, fole. Estas conexões nos mostram claramente que os nomes dados à alma no latim, no grego e no árabe estão vinculados à idéia de ar em movimento, de “sopro frio dos espíritos. É por isso, talvez, também que a concepção primitiva atribui um corpo etéreo e invisível à alma (grifos do autor),( JUNG, 1984, p. 358).

Assim descrito, **alma**, em Jung, enfatiza um processo dinâmico de imagens que se constituem no desenvolvimento da personalidade, num jogo comunicativo constante e dinâmico entre consciente e inconsciente e entre os conteúdos que os formam. Portanto, olhar fenomenologicamente para a *anima* é poder observar seu erotismo, já que, segundo Jung (2002, p.45), Eros é “entrelaçamento, um princípio de relação”. Hillman (1990, p.69) reforça que a *anima* pode ser tanto romântica, ingênua e sedutora, como banal, trivial, má e outros adjetivos que não pertencem ao mundo da luz e do amor romântico; características que podem fazer parte não só da interioridade feminina, como da consciência feminina. Por isso, a *anima* perturba a consciência. Por exemplo, na mitologia arturiana, Arthur se depara com várias facetas de sua *anima*: Morgana enquanto amante, mãe e anciã. Ao mesmo tempo, Morgana se depara com Arthur enquanto homem, irmão e inimigo. Dessa forma, *anima* não adquire um caráter de gênero feminino, mas sim, algo que, segundo Hillman (1998), caracteriza o psiquismo em seu aspecto relacional de encontro com o outro dentro e fora de cada um.

Esse movimento envolve a alma numa perspectiva interdisciplinar por preocupar-se com o **vir a ser do** ser humano. Segundo Fazenda (2006, p.48): “ao tratarmos da inter, teríamos algo mais, uma relação de reciprocidade, de interação que pode propiciar o diálogo entre os diferentes conteúdos desde que haja uma intersubjetividade presente nos sujeitos”. Pensando a alma numa perspectiva educacional, coloca-se o sujeito como elemento central do processo de ensino-aprendizagem, “é a substituição de uma concepção fragmentária da disciplina para a unitária do ser humano”. (Fazenda, 2006, p.49). No ensino de inglês, a partir do momento em que o aluno produz uma língua que faz sentido a ele, ele passa a produzir uma língua **almada** na qual ele é o protagonista e a palavra “vale o que vale o nosso ser”. (Fazenda, 2006, p.40). Num processo interdisciplinar a alma é múltipla, metafórica; é uma construção, entendida como **relacionar-se com; fazer junto**; nós com o mundo para crescer, ou segundo Jung, para individuar-nos. A alma interdisciplinar, não deseja chegar a um lugar, mas sim crescer com o caminho que a guia. Hillman (1998) propõe que a consciência que advém dessa relação não é mais uma consciência a favor do ego, mas a favor da transformação de um evento em experiência significativa para o sujeito e que traz consigo uma carga emocional particular. Essa carga emocional envolve o mundo subjetivo do indivíduo e o mundo que o cerca, pois as imagens da alma são as imagens da psique. Assim sendo, a alma construída nessa relação consiste, também, na alma do mundo (*anima mundi*). Segundo Jung (2000, p. 69): “se quisermos compreender o que significa ‘alma’ devemos incluir o mundo”. Hillman (1993 p.14), corroborando com o pensamento junguiano, discute que:

A *anima mundi* aponta as possibilidades animadas oferecidas em cada evento como ele é, sua apresentação sensorial como um rosto revelando sua imagem interior – em resumo, sua disponibilidade para a imaginação, sua presença como uma realidade psíquica. Não apenas animais e plantas almadados como na visão romântica, mas a alma que é dada em cada coisa, as coisas da natureza dadas por Deus e as coisas feitas pelo homem.

Com essas palavras, é possível dizer que a psique é o mundo que ela própria cria, ou seja, a realidade psíquica abrange a realidade objetiva – o mundo exterior – e as experiências subjetivas – o mundo interior e imaginal. Para que isso seja possível, é necessária atitude: uma alma que se movimenta, que é interdisciplinar no sentido de “impelir à troca, que impele ao diálogo, ao diálogo com pares idênticos, com pares anônimos ou consigo mesmo, atitude de humildade perante o próprio saber...” (Fazenda, 2006, p.75). Alma do sujeito em diálogo interdisciplinar com a alma do mundo, atribuindo ao processo de individuação proposto por Jung (1992) um caráter marcadamente politeísta. Por sua vez, a individuação é um movimento recursivo entre consciência e inconsciente que visa à formação da personalidade – múltipla, assim como é múltipla a alma. Bernardi (2006) enfatiza a importância do outro no processo de individuação proposto por Jung (1992), usando o termo **INDIVIDUAÇÃO**, indicando que o indivíduo está diante do outro para permitir que esse outro atue nele. Logo, para se **INDIVIDUAR** é necessário esse contato intenso com o outro e com o mundo, mergulhando em águas profundas – claras e violentas –

assim como ocorre com Arthur ao isolar-se na floresta para meditar e ouvir a voz do seu inconsciente.

## REFERÊNCIAS

BERNARDI, C. Individoação: do eu para o outro, eticamente. In: MONTEIRO, D.M.R. **Espiritualidade e finitude**. São Paulo; Paulus, 2006.

BRANDÃO, J.S. **Mitologia grega**: dicionário mítico-etimológico. 4ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

FAZENDA, I. **Interdisciplinaridade: qual o sentido?** 2ª Ed. São Paulo: Paulus, 2006.

Hillman, J. **O livro do puer**: ensaios sobre o arquétipo do puer aeternus. São Paulo: Paulus, 1998.

\_\_\_\_\_. **Cidade e alma**. São Paulo: Studio Nobel, 1993.

\_\_\_\_\_. **Anima: anatomia de uma noção personificada**. Tradução Lúcia Rosenberg; Gustavos Barcellos. São Paulo: Cultrix, 1990.

JUNG, C.G. **Estudos alquímicos**. Tradução Dora Mariana R. F. da Silva; Maria Luiza Appy. Petrópolis: Vozes, 2002. (Obras Completas de C.G. Jung, 13).

\_\_\_\_\_. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Tradução Maria Luiza Appy; Dora Mariana R. Ferreira da Silva. Petrópolis: Vozes, 2000. Obras completas de C.G. Jung, 9).

\_\_\_\_\_. **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

\_\_\_\_\_. **Tipos Psicológicos**. Tradução Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis: Vozes, 1991. (Obras completas de C.G. Jung, 6).

\_\_\_\_\_. **A dinâmica do inconsciente**. Petrópolis: Vozes, 1984 (Obras completas de C.G. Jung, 8/1).